

TEXTO PARA COPIAR NO CADERNO:

A ESTRATÉGIA DA COVARDIA

Em muitas relações humanas, observa-se um fenômeno inquietante: a agressividade raramente se dirige ao alvo mais forte ou verdadeiramente ameaçador. Ao contrário, ela frequentemente se volta contra aqueles que demonstram disposição para o diálogo, para a harmonia e para a convivência pacífica. Esse comportamento revela uma forma particular de covardia — não a ausência total de coragem, mas a escolha estratégica de evitar riscos e buscar vantagens fáceis.

A lógica que sustenta tal atitude é essencialmente pragmática. O indivíduo agressivo calcula, ainda que de modo inconsciente, onde estão os maiores perigos e onde se encontram as menores resistências. Confrontar alguém preparado para reagir implica possibilidade real de derrota, humilhação ou dano. Já atacar uma pessoa que valoriza a paz oferece uma espécie de "lucro" imediato: a sensação de poder obtida sem grande custo. Assim, a violência deixa de ser impulso e se torna estratégia.

Sob a perspectiva psicológica, esse mecanismo pode ser entendido como

deslocamento de agressão. Frustrações acumuladas em contextos onde a reação seria arriscada são descarregadas em ambientes mais seguros. A tensão reprimida não desaparece; apenas muda de direção. Em vez de enfrentar a fonte do conflito, o agressor a substitui por um alvo mais vulnerável. Desse modo, perpetua-se um ciclo no qual a força é exercida sempre de cima para baixo, jamais contra quem realmente a provocou.

Outro fator relevante é o descompasso ético entre agressor e alvo. Pessoas inclinadas à paz tendem a interpretar conflitos como problemas a serem compreendidos e resolvidos. Diante de uma agressão, sua

reação inicial pode ser a reflexão: questionam as causas, ponderam intenções, buscam diálogo. Esse intervalo de análise, embora virtuoso, cria uma vantagem temporal para quem já decidiu atacar. A prudência transforma-se, paradoxalmente, em fragilidade explorável.

Esse padrão não se limita às relações individuais. Ele pode ser identificado em estruturas sociais e políticas, onde a força é aplicada seletivamente contra os menos capazes de resistir. A autoridade que se mostra firme apenas diante dos indefesos, mas recua perante opositores equivalentes, demonstra que sua força não é expressão de

justiça, mas de conveniência. A coragem verdadeira exige disposição para enfrentar riscos; a covardia, ao contrário, procura sempre o terreno mais seguro.

O aspecto mais preocupante desse fenômeno é que ele pune justamente as qualidades que tornam possível a vida em sociedade. A confiança, a disposição para o diálogo e a recusa à violência são virtudes fundamentais à estabilidade coletiva. Quando essas virtudes se tornam alvos preferenciais, cria-se um ambiente de medo e desconfiança, no qual a paz passa a exigir não apenas boa vontade, mas também firmeza.

Portanto, a superação desse ciclo não implica abandonar a paz, mas fortalecê-la com limites claros. A serenidade não deve significar passividade, assim como a coragem não deve se confundir com agressividade. A verdadeira força manifesta-se na capacidade de agir com justiça, inclusive quando isso exige confronto. Onde há equilíbrio entre firmeza e ética, a agressão oportunista perde seu terreno fértil e a convivência pode se sustentar sobre bases mais sólidas.